

Práticas pedagógicas cotidianas em currículos com o cinema, suas narrativas, imagens e sons: outros modos de ‘aprenderensinar’

A pandemia causada pela Covid-19 produziu tensões, conflitos e desafios, com a introdução do trabalho remoto, na vida de docentes das instituições públicas e particulares da Educação Básica e do Ensino Superior, acentuando, assim, as desigualdades sociais e raciais existentes no Brasil (DELBONI; RAMOS, 2020). Concomitantemente, diferentes situações concretas suscitaram reflexões, provocando em nós o exercício de criar movimentos outros nos ‘*espaçostempos*’ deste cenário, no sentido de refazer o caminhar e de criar nossos cotidianos (CERTEAU, 2014). Isto fez surgir outros modos de trabalho docente com a alegria e a esperança (FREIRE, 1996), atravessados pela arte de viver, tanto quanto das relações com docentes, discentes, seus responsáveis e a comunidade entorno das escolas. Nesses novos ‘*espaçostempos*’ das práticas curriculares, o cinema – suas narrativas, imagens e sons – continuou sendo usado, permitindo a criação de inúmeros artefatos a ele ligados e cuja existência aparece estimulado pelos usos feitos de filmes, de todos os tipos.

A alegria e a esperança aqui defendidas constituem-se em forças ético-estético-políticas de afirmar a vida neste momento de pandemia, cheio de incertezas, no qual docentes se veem diante de desafios que se colocam no sentido de re-existir e re-inventar modos outros de intensificar as “[...] múltiplas redes educativas que, em contextos diferenciados, vão nos proporcionando complexas compreensões do mundo, dos seres humanos e das ações a serem desenvolvidas profissionalmente” (ALVES, 2010, p. 17).

As redes educativas que todos formamos e nas quais nós formamos (ALVES, 2019) precisam ser compreendidas em suas singularidades, ao mesmo tempo em que devem ser vistas nas múltiplas relações que estabelecem umas com as outras, entre os tantos ‘*dentrofora*’¹ (ALVES, 2015) das escolas.

¹ Há muito, os grupos que trabalham nas pesquisas com os cotidianos perceberam que as dicotomias que foram indispensáveis à criação das ciências na Modernidade se apresentavam como limites para o desenvolvimento dessas pesquisas. Com isso, propusemos a nos mostrar e a outros que as dicotomias precisavam ser superadas para uma melhor compreensão dos cotidianos. Fizemos isto escrevendo os termos dicotomizados, reunindo-os, colocando em itálico e entre aspas simples.

Nessas redes, os *'praticantespensantes'* (OLIVEIRA, 2012) dos cotidianos tecem *'conhecimentossignificações'*. Entendemos que, também em tempos de pandemia, “[...] essas novas formas de produzir/criar/reconhecer/trocar *'conhecimentossignificações'* em redes educativas diversas têm permitido, de modo diversificado e complexo, alocar, apropriar, fazer circular e re-organizar mundos culturais diversos” (CALDAS; AGUEDA; ALVES; 2017, p. 113). A presença do cinema em processos curriculares tem possibilitado criações bastante estimulantes, permitindo processos curriculares nos quais *'vemosouvimosentimospensamos'* questões importantes de modo articulado.

Nesse sentido, este Dossiê Temático reúne artigos voltados para a articulação entre práticas pedagógicas cotidianas em currículos com o cinema, suas narrativas, imagens e sons, *'praticadaspensadas'* por docentes de diferentes universidades do Brasil e do México, bem como por docentes e discentes da Educação Básica, todos comprometidos em potencializar modos outros de movimentar o pensamento em relação às re-existências e re-invenções de práticas pedagógicas, de *'aprenderensinar'* nos cotidianos da educação, em articulação com os movimentos necessários às pesquisas desenvolvidas nesses *'espaçostempos'* (ALVES; ANDRADE, CALDAS, 2019) com seus tantos *'praticantespensantes'*.

A pertinência educacional do dossiê reside na problematização das práticas pedagógicas cotidianas articuladas ao cinema como força disparadora para a re-invenção de outros modos de *'aprenderensinar'* e atuar nas redes educativas. Nesse cenário, embora muito se tenha escrito sobre a importância do cinema na educação, poucas são as reflexões que buscam pensar o cinema articulado aos cotidianos escolares em sua complexidade, no sentido de instaurar modos outros de *'aprenderensinar'*, com a necessária condição de criar *'conhecimentossignificações'* com e a partir de seus inúmeros *'praticantespensantes'*.

Assim, iniciamos este Dossiê com um texto-conversa entre um pesquisador e uma pesquisadora – Leandro Belinaso e Alessandra Collaço da Silva – interessados no encontro do cinema com a educação. Nele, os autores apresentam reflexões sobre o tempo presente, sobre as potencialidades dos filmes em processos formativos, além de apontarem questões relativas à autoria, à história do cinema, ao afeto, às dimensões éticas e estéticas da formação. O encontro com o texto-conversa dos autores provoca-nos: o que uma imagem nos permite viver e sentir? Para Belinaso, a potência do cinema está na criação de modos diferentes de fazer os filmes atuarem nos espaços de formação docente, pensando “no afeto, na criação possível de uma

novidade nos nossos horizontes do sentir”. Alessandra Collaço da Silva, por sua vez, apresenta movimentos de militância com o Coletivo Cinema de Meninas, além do Coletivo Cinema de Mulheres, trazendo a força dos *'conhecimentossignificações'* das mulheres na produção cinematográfica ao longo do tempo, em diferentes funções, mas que são pouco estudadas ou documentadas em livros. Ao final dessa conversa cheia de afetos, os autores fazem breves comentários sobre alguns filmes assistidos durante a pandemia, refletindo sobre como este contexto interfere em itinerários de leitura.

As práticas pedagógicas e redes educativas com educações ambientais e os usos do cinema, fotografias, sons e vídeos nos cotidianos escolares são o foco do artigo de Soler Gonzalez e Edilene Machado dos Santos, no qual os autores apresentam experiências e trajetórias de dois projetos, um comunitário e outro acadêmico, vivenciadas com práticas pedagógicas de Educação Ambiental. Os participantes das ações de educação ambiental realizadas pelo projeto Narradores da Maré e pelo Coletivo Formate nos cotidianos escolares e em diferentes redes educativas são os professores, professoras e estudantes da Educação Básica, grupos sociais e pescadores. Essas ações apostam em práticas pedagógicas formativas e comunitárias de educação ambiental, assim como nas dimensões ética, estética e política das imagens, do cinema, dos sons e vídeos. Inspiradas nas perspectivas freireanas de educação, visam suscitar processos dialógicos de ensino, pesquisa e extensão baseados nas relações cotidianas com as problemáticas ecológicas da bacia do rio Formate e dos manguezais da Baía de Vitória.

Em **Processos curriculares e a ecologia de *'saberesfazeres'* no filme *Aprendiz de Mecânico***, Marcelo Ferreira Machado, Noale Toja e Renata Rocha de Oliveira narram as compreensões iniciais acerca dos processos curriculares e dos campos disciplinares na atualidade, surgidos a partir da *'cineconversa'* realizada em torno desse filme. Entendendo a conversa como lócus de produção de conhecimento científico e orientados pela perspectiva *'teóricometodológica'* das pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares, os autores articulam as ideias de *personagens conceituais*, de *currículos praticados* e de *ecologia de saberes*. Para os autores, as *'cineconversas'* que provocam o *'verouvirsentirpensar'* em diferentes *'espaçostempos'*, sobretudo os escolares, são momentos de experimentação, no sentido deleuziano de investigar, testar e desvendar coisas que nos interessam saber acerca de uma temática. Assim, para além de se usar os artefatos tecnológicos e culturais para fins pedagógicos, os autores os transformam em artefatos curriculares, pois este movimento cria currículos e

'conhecimentosignificações' a partir dos usos dos artefatos, que não são meros recursos nas salas de aula.

O artigo de Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni e Carlos Pereira de Melo, intitulado **Metamorfozes curriculares: o cinema como força inventiva de outros modos de *aprenderensinar***, apresenta movimentos de processos de formação continuada – de professores e professoras de duas escolas públicas – no encontro com as imagens-cinema como força inventiva de outros modos de *aprenderensinar*. É possível fazer expandir a vida em trabalho remoto? Como produzir movimentos inventivos de *aprenderensinar* em meio à pandemia? Como instaurar metamorfozes curriculares a partir do encontro com as imagens-cinema em meio aos processos de formação continuada? Estas são as problematizações que dão movimento aos pensamentos e práticas dos autores com professores e professoras da Educação Infantil de Serra-ES. Os autores argumentam que o pensamento – a partir do encontro com as imagens-cinema – pode ser levado ao estranhamento, ao desconhecido, instaurando processos de subjetivação e criação de mundos nos quais outros pensamentos são possíveis. Os encontros de formação continuada de professores e professoras são assumidos como experimentação, nos quais os percursos, tempos e fluxos são inventados, compartilhados e, por serem intensivos, reverberam movimentos do pensamento que dão a falar currículos, docências, infâncias, enfim, a vida em sua intensidade.

María Leticia Briseño Maas e Thalía Érika Bernabé Morales apresentam a desigualdade de acesso e permanência no Ensino Superior a partir da experiência das mulheres indígenas, em Oaxaca, no México. Como em grande parte da América Latina, a população indígena tem enfrentado situações de discriminação e racismo, que são reproduzidas, também, através do cinema e da televisão, nos quais são representados “por personagens pobres, atrasados, ingênuos e ignorantes”. Em relação às mulheres indígenas, sua representação é de “trabalhadoras domésticas, submissas e sem possibilidade de agência”, o que impacta diretamente na possibilidade de ingresso e permanência no sistema educacional. As autoras realizam uma análise em dois movimentos: primeiro, identificam os problemas enfrentados pelas mulheres no contexto de Oaxaca e os obstáculos para sua incorporação ao espaço universitário; e, em seguida, abordam a experiência pedagógica e de pesquisa com três jovens universitárias que participaram de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Oaxaca, onde são discutidos os estereótipos e mandatos de gênero presentes em sua carreira estudantil. As autoras apontam que o espaço

acadêmico é um espaço de luta, por isso as experiências vividas pelas mulheres indígenas devem ser discutidas criticamente, bem como as práticas racistas, sexistas e homofóbicas que ocorrem no espaço acadêmico, na busca por pedagogias de dissidência e não de adaptação.

No artigo '**Cineconversas**' para '**verouvirsentirpensar**' o filme "**Guri**" nos cotidianos escolares, Nilda Alves e Andréia Teixeira Ramos apresentam os resultados parciais da pesquisa intitulada "Movimentos migratórios: diáspora africana no cinema e nos cotidianos escolares", que tem como objetivo "compreender como os movimentos da diáspora africana aparecem no cinema, na contemporaneidade e adentram os cotidianos escolares". As *cineconversas* são usadas como um elemento integrante de metodologia de pesquisa com foco na formação de professoras e professores e possibilitam analisar de que modo as questões sociais podem se transformar em questões curriculares. As autoras argumentam que com os usos do cinema na educação, "é possível a criação de outras redes educativas, a partir das redes que formamos e nas quais somos formados". Nesse sentido, apostam na possibilidade de articular situações concretas dos cotidianos em que os *praticantespensantes* "inventam outras maneiras de tecer *conhecimentossignificações*, através de filmes" e recriam suas práticas pedagógicas.

O presente dossiê propõe-se, então, a abrir *espaçostempos* para fazer proliferar *conhecimentossignificações* tecidos a partir de práticas pedagógicas cotidianas envolvendo o cinema, suas narrativas, imagens e sons.

A força do cinema que defendemos aqui não é somente a partir de seu uso relacionado às temáticas e roteiros, mas também na produção de subjetividades e na sua maneira de significar, ou seja, produzir outros sentidos de currículos, docências, escolas e educação em uma postura ético-estético-política voltada à criação de um mundo mais justo para todos e uma escola pública que abrigue docentes e discentes sem distinção.

Referências

ALVES, Nilda. Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: currículo, ensino de educação física, ensino de geografia, ensino de história, escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 1-49.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa (org.). **Nilda Alves: praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 133-152.

ALVES Nilda; ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docentes**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

CALDAS, Alessandra; AGUEDA, Izadora; ALVES, Nilda. Roteiros imprevisíveis na internet de um texto sobre cinema e currículos. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 113-131, jan./jun. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014. v.1.

DELBONI, Tânia M. Z. G. F.; RAMOS, Andreia Teixeira. A invisibilidade do professor em tempos de pandemia: que vida grita? **Boletim da ANPED**, Rio de Janeiro, 6 out. 2020. Disponível em: <https://anped.org.br/news/invisibilidade-do-professor-em-tempos-de-pandemia-que-vida-grita-colaboracao-de-texto-por-tania>. Acesso em: 20 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantepensantes’ dos cotidianos das escolas. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alli, 2012. p. 47-70.

Nilda Alves 

Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni 

Andreia Teixeira Ramos 

Comissão Organizadora

Dezembro de 2022